

Os novos donos do mercado

■ Alunos são alvo de disputa pelas maiores empresas

Na área de Eletrônica, há 12 empresas disputando um aluno. Anúncios oferecendo vaga exigem formação no Cefet. "Os estudantes esnobam mesmo", orgulha-se Marcelo Wanderley, coordenador do setor de estágios. "Quem paga mais, leva." A preferência das empresas não é casual. Dezenas de laboratórios são cópias de ambientes de trabalho: muros reais sobem na Construção Civil, há postes de verdade na Elétrica, duas salas da Informática estão à disposição dos que não têm computador em casa. E, para não formar robôs, a Educação Artís-

tica tem grupos de teatro, coral, pintura. O parque esportivo vive lotado. Na Biblioteca Central, 30 mil volumes, 227 periódicos. "Podia ser melhor se as empresas investissem mais na formação de funcionários", cobra Roballo. "Ainda não estou satisfeito. Há muito o que fazer", concorda Raul Russo.

Os jovens retribuem o esforço: alunos da Central de Usinagem inventaram uma peça que aumentou de 10º para 1.000 o número diário de saquinhos de amendoim da Nakaiama. O design dos novos pára-choques de ônibus da Ciferal será feito lá. Não falta humor: uma bicicleta para pedalar deitado foi inventada por um aluno do curso superior de Engenharia.

■ De servidores a material, tudo é aproveitado

O trabalho de garimpo não se dá apenas no setor privado. Nas viagens sem conta que fez a Brasília para conseguir funcionários e material, Carlos Eduardo Roballo descobriu no MEC, por exemplo, uma antiga central de ar condicionado. O funcionário avisou que era "uma velharia". Mas as três máquinas — que hoje custam Cr\$ 1 bilhão — foram consertadas no Cefet. Resultado: as 15 salas da Informática têm ambiente refrigerado.

O pessoal posto em disponibilidade no governo Collor também foi aproveitado. Roballo entrevistou 600 disponíveis e conseguiu, após um ano de luta, incorporar 200 dos 400 servidores — os professores são 400 — que hoje trabalham no Cefet. O critério: não ter cabeça de servidor público. A primeira provisão da direção eleita em 87 foi arrancar da parede os relógios de ponto. Roballo conseguiu assim muito entusiasmo dos colaboradores — e algumas horas de trabalho a mais.

Projeto dá chance a carente

Para evitar que apenas ricos tenham acesso ao Cefet, a escola criou o Projeto Servir, que dá reforço de escolaridade, alimento, uniforme e treinamento a 160 jovens de comunidades carentes da vizinhança. "O objetivo é prepará-los para que ingressem no Cefet", explica o professor Roballo. Para que ajudem a fa-

mília, os jovens são treinados na Oficina de Aprendizagem, onde descobrem os mistérios dos eletrodomésticos — a Walitta cedeu toda a sua linha.

"Eles se agarram com unhas e dentes a essa oportunidade", conta Marcos Pacífico, 21 anos e muita responsabilidade no comando dos alunos-professores.